

Kalynn Bayron

CINDERELA ESTÁ MORTA

Tradução

Karine Ribeiro

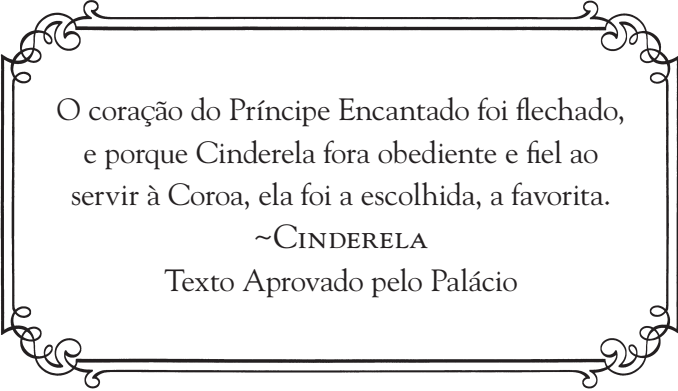
Érica Imenes

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021



O coração do Príncipe Encantado foi flechado,
e porque Cinderela fora obediente e fiel ao
servir à Coroa, ela foi a escolhida, a favorita.

~CINDERELA

Texto Aprovado pelo Palácio



Cinderela está morta há duzentos anos.

Eu estou apaixonada por Erin há quase três.

E estou a dois minutos da morte certa.

Quando os guardas do palácio me encontrarem — e eles vão encontrar —, vou morrer na floresta, na fronteira leste de Lille. Mas não me importo. Meu único foco é Erin, que está pressionada contra uma árvore à minha frente. Os guardas do palácio ainda não a avistaram, mas estão indo na direção dela. Param a alguns metros do esconderijo. Os olhos dela se arregalam nos confins sombrios da floresta. Nossos olhares se encontram, cruzando o amplo caminho para carruagens que nos separa.

Não se mexa, Erin. Não faça nenhum barulho.

— Eu caí no sono na torre noite passada — diz um deles. — Alguém me acordou, mas mesmo assim. Dei sorte. Se o rei descobrisse, eu perderia minha cabeça.

— Você vai ao baile? — pergunta um dos homens.

— Não — responde outro. — Infelizmente, só trabalho e nada de folga para mim.

— Que pena. Ouvi falar que as garotas no grupo deste ano são as mais lindas da geração.

— Nesse caso, será que a sua esposa vai sofrer um *acidente*? Seria uma pena se o degrau do topo da escada para o porão estivesse solto.

Eles riem com vontade, chiando e cuspidando, e, pelo som, estão se divertindo para valer. As vezes se afastam até que eu não consiga mais ouvi-los. Me levanto e corro até Erin, que ainda está se escondendo atrás da árvore.

— Eles foram embora — digo.

Seguro a mão dela e tento acalmá-la. Ela espia ao redor, o rosto contorcido de raiva, e se solta de mim.

— De todas as coisas impossíveis que você já me convenceu a fazer, vir aqui com certeza é a pior. Os guardas quase nos pegaram.

— Mas não pegaram — lembro.

— Você me pediu para te encontrar aqui — diz Erin, os olhos estreitos, desconfiados. — Por quê? O que é tão importante?

Ensaiei o que queria dizer a ela, pratiquei várias vezes na minha cabeça, mas agora que estamos frente a frente, eu me perco. Ela está com raiva de mim. Não é o que eu quero.

— Eu me importo com você mais do que tudo. Quero que você seja feliz. Quero que nós sejamos felizes.

Erin fica em silêncio enquanto me atrapalho com as palavras, as suas mãos firmes na cintura.

— As coisas parecem sem esperança na maior parte do tempo, mas quando estou com você...

— Pare — interrompe ela, a expressão irritada. — É para isso que você me trouxe aqui? Para dizer as mesmas coisas de sempre?

— Não é a mesma coisa. O baile está tão perto agora. Essa pode ser a nossa última chance de ir embora.

Pega de surpresa, as sobrancelhas de Erin se erguem.

— Ir embora? — Ela se aproxima, olhando nos meus olhos. — Não existe isso de ir embora, Sophia. Não existe pra você, nem pra mim, nem pra ninguém. Nós vamos ao baile porque é a lei. É a nossa única esperança para construir algum tipo de vida.

— Uma sem a outra — digo. Só de pensar, meu peito dói.

Erin endireita a postura, mas olha para o chão.

— Não tem como ser de outro jeito.

Balanço a cabeça em negativa.

— Você não está falando sério. Se fugirmos, se tentarmos...

Risadas ao longe interrompem minha súplica. Os guardas estão voltando. Erin se esconde atrás da árvore, e eu mergulho no arbusto.

— Você não pode trabalhar no palácio se não sabe como simplesmente assentir e ficar de boca fechada — diz um dos guardas, parando em frente ao meu esconderijo. — Se você não consegue aguentar fazer as coisas que ele te pede, é melhor ficar aqui com a gente.

— Você provavelmente tem razão — concorda outro homem.

Através dos galhos, vejo a árvore onde Erin está escondida. A bainha do vestido dela se enroscou em um pedaço áspero da casca e está visível. O guarda olha na direção dela.

— O que é aquilo? — pergunta, se aproximando, a mão no cabo da arma.

Eu chuto o arbusto. A folhagem inteira se sacode, fazendo uma cascata de folhas cor de ferrugem cair sobre mim.

— O que foi isso? — diz um dos homens.

A atenção deles está em mim. Fecho os olhos com força. *Estou morta.*

Penso em Erin. Espero que ela fuja. Espero que consiga voltar. Tudo isso é minha culpa. Eu só queria vê-la, tentar convencê-la uma última vez que devemos deixar Lille para sempre. Agora, nunca mais verei o seu rosto.

Olho para as árvores. Posso tentar correr, desviar a atenção dos guardas de Erin. Talvez eu consiga escapar deles na floresta, mas, mesmo que eu não consiga, Erin pode fugir. Meu corpo fica tenso, e enfió a saia entre as pernas, prendendo-a na faixa da cintura e tirando os sapatos.

— Tem alguma coisa ali — diz um guarda, agora a apenas um braço de mim.

Os guardas se aproximam, e chegam tão perto que posso escutar suas respirações. Olho para além deles. Há um vislumbre de azul-bebê entre as árvores. Erin está tentando fugir. Um tinido corta o ar, metal contra

metal — uma espada sacada da bainha. Sobre a adrenalina e o martelar do meu coração, uma corneta toca três notas estridentes.

— Temos uma fugitiva! — diz uma voz grave.

Eu congelo. Se for pega aqui, tão para dentro da floresta, os guardas vão me usar como exemplo. Me imagino sendo arrastada pelas ruas, algemada, talvez até enfiada em uma gaiola no centro da cidade, onde os cidadãos de Lille tantas vezes são obrigados a aguentar humilhação pública como punição por qualquer erro.

As vozes dos homens se afastam de mim.

Não sou a fugitiva de quem estão falando. Sequer comecei a fugir ainda. Meu coração afunda no peito. Espero que eles não consigam alcançar Erin a tempo.

As vozes dos guardas vão se distanciando, e quando estão longe o suficiente, enfio os sapatos debaixo do braço e corro para o abrigo sombrio da floresta. Escondida atrás de uma árvore, espio vários guardas se reunindo. Há uma mulher mais velha com eles, já com os pulsos algemados. Deixo escapar um suspiro de alívio e imediatamente me sinto culpada por isso. Essa mulher agora depende da piedade dos homens do rei.

Eu me viro e corro. Com pernas trêmulas e pulmões queimando, imagino ouvir o rosnar de cães, embora não tenha certeza. Não me atrevo a olhar para trás. Tropeço e caio de joelhos em uma pedra, rasgando a carne. A dor é lancinante, mas me levanto e continuo correndo até que as árvores começam a rarear.

No caminho que leva de volta ao coração da cidade, paro para recuperar o fôlego. Não vejo Erin. Ela está segura.

Mas aqui é Lille.

Ninguém nunca está realmente seguro.



Na volta para casa, só consigo pensar em Erin. A floresta é densa e perigosa e, acima de tudo, proibida. Sei que ela não ficará escondida. Vai encontrar o caminho de volta, mas preciso saber se está segura.

O relógio da torre na praça da cidade soa. Cinco batidas altas. Eu deveria encontrar minha mãe no ateliê da costureira para provar um vestido, e ela me disse especificamente para ir depois de tomar um banho, de cabelo lavado e rosto limpo. Olho para mim mesma. Meu vestido está sujo de terra e sangue, e meus pés estão cheios de lama. Consegui escapar dos homens do rei, mas quando minha mãe me vir, é provável que acabe comigo. Há guardas patrulhando as ruas. Mais do que o normal, agora que o baile está próximo. Mantenho a cabeça baixa enquanto caminho. Eles não prestam atenção em mim. Todos em alerta máximo pelo que as pessoas em Lille estão chamando de *o incidente*.

Aconteceu há duas semanas, em Chione, uma cidade ao norte. Houve rumores de que uma explosão danificou o Colossus, uma estátua de seis metros de altura do salvador de Mersailles, o Príncipe Encantado, e de que as pessoas responsáveis foram enviadas a Lille na calada da noite e levadas ao palácio para serem interrogadas pelo rei em pessoa. Seja lá o que aconteceu, os detalhes que arrancou deles o deixaram em pânico.

Na primeira semana após o incidente, o rei ordenou que o correio fosse interrompido, o toque de recolher foi antecipado em duas horas e folhetos foram distribuídos, assegurando que o incidente não passou de uma tentativa de um grupo de saqueadores de vandalizar a famosa estátua. Também informava que os criminosos foram sentenciados à morte.

A casa está vazia e silenciosa quando chego. Meu pai ainda está no trabalho e minha mãe me espera na costureira. Por um momento, fico no meio da sala, olhando para os quadros na parede acima da porta.

Um deles é do rei Stephan, abatido e de cabelo branco; é um retrato de como estava antes de sua morte, há apenas alguns anos. Outro é do rei Manford, o atual rei de Mersailles, que não perdeu tempo e logo ordenou que seu retrato real e oficial fosse pendurado em todas as casas e espaços públicos da cidade. Nosso novo rei é jovem, apenas alguns anos mais velho do que eu, mas sua capacidade de crueldade e seu desejo de controle absoluto se equiparam aos de seus antecessores, e estão exemplificadas na terceira moldura pendurada acima da nossa porta. Os Decretos de Lille.

- 1. Deve haver pelo menos uma cópia nova de *Cinderela* em todas as casas.**
- 2. O baile anual é um evento obrigatório. Três visitas são permitidas, depois das quais as participantes serão consideradas infratoras.**
- 3. Participantes de uniões não sancionadas e fora da lei serão considerados infratores.**
- 4. Todos os membros das famílias de Mersailles deverão designar um homem, maior de idade, para ser o chefe da família, e seu nome ficará registrado no palácio. Todas as atividades praticadas por qualquer membro da família devem ser sancionadas pelo chefe.**
- 5. Por segurança, mulheres e crianças devem estar em suas residências permanentes ao badalar das oito horas, todas as noites.**

6. Uma cópia das leis e decretos vigentes, além de um retrato autorizado de Sua Majestade, deve estar à mostra em todas as casas, o tempo todo.

Essas são as severas e irrevogáveis leis decretadas pelo rei, que sei de cor.

Vou para o meu quarto e acendo a pequena lareira no canto. Penso em ficar até que minha mãe venha me procurar, mas me preocupo que ela pense que algo de ruim aconteceu. Não estou onde deveria estar. Faço um curativo no joelho com um pedaço limpo de pano e lavo meu rosto na bacia.

Minha cópia de *Cinderela*, uma versão lindamente ilustrada que foi presente da minha avó, está em um pedestalzinho de madeira no canto. Minha mãe deixou aberta na página onde Cinderela está se preparando para o baile, com a fada madrinha realizando todos os seus desejos. O lindo vestido, o cavalo e a carruagem, e os famosos sapatinhos de cristal. Aqueles que vão ao baile precisam reler essa parte para lembrar o que é esperado que façam.

Quando era pequena, eu costumava ler essa passagem várias vezes, desejando que uma fada madrinha me trouxesse tudo o que precisasse quando fosse a minha vez de ir ao baile. Mas, à medida que fui crescendo, os rumores de pessoas sendo visitadas por uma fada madrinha se tornaram raros, e comecei a pensar que o conto não passava disso. De uma história. Falei exatamente isso a minha mãe, e ela ficou desorientada, dizendo que eu nunca seria visitada se duvidasse tanto. Parei de falar a respeito disso. Não toco no livro há anos, e não o leio em voz alta, como meus pais gostariam que eu fizesse.

Mas ainda sei de cor cada frase.

Há um envelope cor de marfim em cima da lareira, com meu nome escrito em letras pretas cursivas. Eu o pego e puxo a carta dobrada lá de dentro. O papel é grosso, pintado com o mais profundo ônix. Leio a carta pela milionésima vez desde que chegou, na manhã do meu aniversário de dezesseis anos.

Sophia Grimmins

O rei Manford requer a honra de
sua presença no baile anual.

•••

Este ano marca o bicentenário do primeiro baile, onde
a nossa amada Cinderela foi escolhida pelo Príncipe
Encantado. As festividades serão grandiosas e se
tornarão ainda mais especiais com a sua presença.

•••

O baile começa às vinte horas em
ponto no dia 3 de outubro.

•••

A cerimônia de escolha começará
ao badalar da meia-noite.

•••

Favor ser pontual.
Aguardamos ansiosamente a sua presença.

Atenciosamente,
Sua Majestade Real rei Manford

Olhando assim, o convite é lindo. Conheço meninas que sonham tanto com o dia que vão receber o convite que não pensam em mais nada. Mas enquanto o seguro, leio a parte ignorada pela maioria dessas jovens ansiosas ignora. Nas margens, em um padrão que me lembra hera subindo por uma treliça, há palavras em fonte branca que oferece um aviso terrível:

Você deve comparecer ao baile anual. O não comparecimento resultará em prisão e confisco dos bens pertencentes à sua família.

Hoje é primeiro de outubro. Em dois dias, meu destino será decidido por outra pessoa. Por mais terríveis que sejam as consequências se eu não for escolhida, o perigo de ser pode ser ainda pior. Empurro esses pensamentos para longe enquanto guardo novamente a carta no envelope.

Saio de casa e vou até o ateliê da costureira pelo caminho mais longo, torcendo para esbarrar com Erin. Estou muito preocupada com ela, mas sei que minha mãe também está preocupada comigo.

As lojas na Market Street estão iluminadas e cheias de pessoas fazendo preparativos de última hora para o baile. Há uma fila saindo da loja de perucas. Dou uma olhada lá dentro pela vitrine. O peruqueiro se superou este ano e perucas elaboradas enchem as prateleiras. Lembram bolos de casamento, camadas sobre camadas de cabelo em todas as cores, as perucas nas prateleiras superiores decoradas com espécies de ninhos de passarinhos com réplicas de ovos dentro.

Uma jovem está sentada na cadeira do peruqueiro. Ele coloca uma peruca de quatro camadas na cabeça dela. É coberta de peônias cor-de-rosa frescas, com uma miniatura da carruagem encantada da Cinderela no topo, que balança precariamente enquanto a mãe a admira.

Eu me apresso, passando entre as pessoas e entrando por uma rua secundária. As lojas aqui não são as que minha família e eu frequentamos. Elas são para pessoas com dinheiro o bastante para comprar as mais extravagantes e desnecessárias bugigangas. Não estou com tempo para lamentar sobre o que posso ou não posso pagar, mas este é o caminho mais rápido para a praça da cidade, que posso atravessar para encontrar Erin antes de minha mãe.

Na janela de uma das lojas de sapatos, o sapatinho da Cinderela fica apoiado em uma almofada de veludo vermelho, à luz de velas. A plaquinha ao lado diz: *Réplica Aprovada pelo Palácio*. Sei que meu pai os compraria na mesma hora se tivesse dinheiro, na esperança de que isso me fizesse destacar. Mas se o par não for encantado pela fada madrinha em pessoa, não vejo motivo para isso. Sapatos feitos de vidro podem causar acidentes.

Mais à frente há uma fila saindo de uma lojinha com vitrines fechadas. A placa acima da porta diz *Maravilhas da Helen*. Outra placa lista o nome

dos extratos e poções que Helen pode fazer: *Encontre um Pretendente*, *Banimento de Inimigo*, *Amor Eterno*. Minha avó me disse que Helen é nada mais do que uma fada madrinha fajuta e que suas poções provavelmente são vinho aguado. Mas isso não impede que as pessoas confiem nela.

Enquanto eu passo, uma mulher e sua filha — que parece ter a minha idade — saem da loja apressadas. A mulher tem um frasco em formato de coração nas mãos. Ela tira a rolha e empurra o frasco para a filha, que bebe tudo em um gole só, inclinando a cabeça para trás e olhando para o céu do fim de tarde. Espero que minha avó esteja errada, para o bem dessa pobre garota.